

# EXPERIÊNCIA DE ESTAGIO EM PSICOTERAPIA DE GRUPO

Mirele Cristina da Silva<sup>(1)</sup>; Ana Maria Faria Menicalli<sup>(2)</sup>

<sup>1</sup>Estudante de Psicologia; <sup>2</sup> Profª Orientadora do Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia

---

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que pretendeu apontar os mitos que permeiam o imaginário popular e que se tornaram crenças sobre a conjugalidade no momento histórico atual ou idade contemporânea.

Palavras-chave: Mito. Conjugalidade. Contemporaneidade.

---

## INTRODUÇÃO

O casamento mesmo diante das transformações do tempo não sai de moda. Passam-se anos, há modificações sociais, econômicas e culturais, mas o casamento continua em voga. Casar continua sendo o sonho de muitas pessoas. E como se trata de um sonho é repleto de idealizações e o mundo das ideias diz muito mais de nós do que possamos imaginar.

O ideal de casar e assumir uma vida conjugal com alguém equivale a muitos planos e fantasias dos nubentes; estes planos e fantasias nascem das crenças que construímos ao longo da vida e que não se simplifica apenas na ideia de casar para viver um amor romântico. O casamento é para dividir muito mais que carícias, é uma troca constante que mobiliza o ser em todas suas dimensões. Provoca o movimento dos afetos de amor e ódio e perde a conotação de conto de fadas e ganha o contorno do real, sem príncipes e princesas, sem castelo e muito menos sem cavalo branco; isso não quer dizer que não tenha uma bela história para contar, cheia de colorido e vida. O que ocorre é que

ter uma vida conjugal significada adquirir um compromisso que “seja infinito enquanto dure”, como disse Vinícius de Moraes, e para fazer durar não é tão simples como nas histórias dos livros infantis.

O mundo da atualidade com seus novos contornos e regras sociais também interferem na visão sobre a vida a dois. Conceitos antes perpetuados como a formação de família composta por pai, mãe e filhos, a indissolubilidade do matrimônio e a união entre pessoas de sexos opostos foram colocados em cheque, mas algumas coisas nunca mudam, e o que ainda é um consenso da maioria é que as pessoas continuam a se casar para viver uma história de amor.

E o que é o amor? O amor no mínimo é algo bom, mas como qualquer outro sentimento tem a plena liberdade de se moldar conforme o peito de quem habita. O que as pessoas nomeiam e sentem o que é o amor é algo muito individual e completamente inundado pelo modo que cada um enxerga a vida.

O que pensamos sobre as coisas são nossas crenças pessoais, estas crenças são construídas a partir de nossas experiências e nossas experiências não se referem apenas a

realização de práticas concretas, também faz parte nossas interpretações sobre as coisas. Estas interpretações são repletas de eventos reais e de fantasias. O universo das fantasias, tanto universais quanto individuais, surgiu dos mitos e os mitos são a tentativa de explicar tudo o que não é possível explicar comumente. Engana-se quem pensa que a mitologia explana apenas os grandes mitos históricos, nós somos seres míticos e sempre recorreremos a uma linguagem simbólica, a uma metáfora ou figura de linguagem para tentar dar uma explicação do mundo das nossas ideias. Portanto, o mito é toda explicação de alguma manifestação humana que ao não encontrar palavras que expressem corretamente o real sentido se refugia no plano do fantástico. E o mito sai desta condição de extraordinário e irreal quando entra no campo das crenças. O que fora absorvido com ares de mundo mágico passa a nos integrar e se torna algo real.

Este trabalho tem o intuito de explanar quais são os mitos que permeiam as escolhas conjugais dos casais da contemporaneidade. Quais são os motivadores que continuam a fazerem acreditar que a vida matrimonial vale a pena. Pois se sabe que a escolha do parceiro amoroso é baseada em projetos concebidos num plano muito particular e que como já foi apontado aqui, repleto de crenças construídas a partir do imaginário individual.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A busca bibliográfica tratou de buscar descritores e palavras chaves vinculadas à mitos, casamento, contemporaneidade e contos de fadas.

O material utilizado para a pesquisa tratou-se de material indexado e não-indexado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A história da humanidade é dividida em períodos de tempo onde as características destes períodos é que ditam o que pertence ou o que não pertence àquela faixa de tempo. Desta forma, a percepção das transformações da vida humana na terra é que determinaram os períodos históricos que apontamos numa linha cronológica denominada de linha de tempo da humanidade que tem como seu marco inicial a origem da escrita.

Sabemos que estas mudanças não são tão precisas ao ponto que se percebe claramente quando estamos saindo de um período histórico e entrando em outro, mas há eventos bem marcantes que demonstram novos rumos que a sociedade tomou, novas maneiras de pensar e agir que influenciaram toda uma forma de vivência que se tornou peculiarmente diferente das gerações anteriores.

Nosso período histórico atual é chamado de Contemporaneidade; é o período que sucede ao chamado período Moderno, por isto que também é chamado de Pós-Modernidade e teve início com a Revolução Francesa, em 1789.

A mitologia ou estudo sobre os mitos não é um mero contar de histórias fictícias. Esta disciplina encontra-se no quadro curricular da faculdade de Psicologia exatamente para que se estude a formação das fantasias e o imaginário das pessoas e que dão origem a lendas, contos, estórias e que, por sua vez, trazem uma linguagem simbólica que está de acordo com a realidade psíquica de quem criou o mito. Vivemos uma parte na realidade e uma parte na fantasia. A realidade psíquica existe no nível do simbólico e não se enquadra em verdade ou mentira, simplesmente ela é.

Decidir casar geralmente não é tarefa fácil, pois é uma resolução que implica várias

condições e as principais condições são mais complexas do que simplesmente ter dinheiro suficiente, estar com idade para dar tal passo, o namoro já estar durando certo número de anos, entre outras ocorrências. A decisão depende e muito de quem estamos dispostos a compartilhar uma vida sob os preceitos conjugais.

Escolhemos o que acreditamos que nos levará para o resultado mais satisfatório e fazemos isto baseados em nossas crenças. Estas crenças são construídas a partir das experiências adquiridas e dos significados que damos sobre o relacionamento conjugal.

Hans Jellouschek, alemão, psicoterapeuta de casais a mais de 25 anos, acredita que as histórias dos contos de fadas servem como modelos que, ao contrário do que se pensa, não são meras narrativas fictícias e sim são demonstrativos de muitos traços do imaginário humano; e desta forma, podem revelar traços da psiqué dos casais que se formam (2013).

Os conceitos de Lazarus (1992) partiram da observação dos casais que atendia e, como o próprio autor insistiu em enfatizar, não são conceitos que valem para todos os povos e culturas, na verdade são questões mais fortemente observadas nos países ocidentais e embora seu livro tenha sido escrito há mais de 20 anos, ao explicar suas ideias observaremos como a nossa sociedade contemporânea ainda persiste em crer que existem algumas fórmulas para a felicidade conjugal e que do contrário, se não forem atendidos estes requisitos, o casamento estará à beira do fracasso.

O casamento ganhou a configuração de uma união desejada por duas pessoas há pouco tempo se levarmos em conta toda a história da humanidade. Antes as uniões tinham motivações muito mais sócio-políticas do que afetivas, o que fomentou a má fama do casamento.

Algumas pessoas acabam por tolerar o casamento, conformando-se com uma infelicidade conjugal por acreditarem que é normal que ele seja muito mais um motivo de reclamação do que de satisfação.

Tudo isto, nada mais é do que uma crença disfuncional sobre o casamento, criada a partir do mito de que o casamento cedo ou tarde torna-se um fardo.

## **CONCLUSÕES**

A cada nova etapa da vida, quando passamos de uma fase e entramos em outra fase, acontecem crises; podemos pontuar que muitas crises acontecem quando saímos da infância e entramos na adolescência, quando saímos da adolescência e entramos na fase adulta e nesta fase ao decidirmos uma profissão ou decidimos por uma vida conjugal, quando vem os filhos, quando estes filhos tornam-se adolescentes, quando os filhos vão embora e quando entramos no estágio tardio da vida.

Estas crises referem-se ao desconforto que nos acometem frente ao desconhecido, ou seja, quando nos deparamos com uma nova demanda, com uma nova etapa que nos exigirá algo que ainda não temos experiência.

A insegurança de ser lançado para uma fase exigirá de nós ações e posturas que ainda não nos sentimos totalmente preparados para fazer e isto acaba por nos instigar a buscar um direcionamento que nos falta. Este direcionamento é, portanto, investigado e buscado nas experiências alheias.

Com enfoque em neste trabalho podemos dizer que as pessoas que estão ou já foram casadas parecem ser fontes experientes para orientar e aconselhar sobre casamentos felizes e bem sucedidos e até

aqueles que não estão mais casados podem orientar como não se deve proceder.

Os mitos que passam de geração em geração a respeito das relações amorosas são uma tentativa de orientar os enamorados para viverem uma vida feliz e também ilustram várias intempéries que podem acometer o casal. Estes mitos mostram caminhos e possíveis soluções para guiar os relacionamentos amorosos.

Apegamo-nos aos mitos na tentativa de não nos sentirmos tão despreparados para a nova experiência que vamos executar. Os mitos nos servem de ferramentas para entrarmos numa situação com ao menos algum pseudo preparo.

As mulheres muitas vezes se apegam que devem se manter belas a todo custo ou podem perder os maridos, os homens por sua vez podem crer que casos extraconjugais são uma necessidade masculina.

Estas crenças surgidas dos mitos são inquestionáveis por nós mesmos. Mesmo diante de incoerências, dificilmente refletimos sobre aquilo que acostumamos a pensar ou a fazer. Aí é que se solidificam preconceitos ou limitações que nos impedem de transcender, superar os métodos antigos de viver e pensar e alcançar uma nova visão da vida.

A terapia psicológica vem para exatamente questionar os próprios pensamentos e ressignificar aquilo que está disfuncional.

## REFERÊNCIAS

JELLOUSCHEK, Hans. **Espelho, espelho nosso**. Verus Editora, 2013.

LAZARUS, Arnold. A. **Mitos Conjugais**. Tradução: José Carlos Vitor Gomes, Campinas, SP. Editora Psy, 1992.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fada**. 5 ed. Paulus. São Paulo: 2005.